

Líder vira esfinge para brizolistas

Rio — O ex-governador Leonel Brizola virou angustiante enigma nesta fase delicada da definição sucessória, não só para a Frente Brasil Popular, olhos postos no precioso espólio de votos pedetistas, mas especialmente para dirigentes e militantes do PDT, ainda desorientados com a surpresa que as urnas reservaram. Rigorosamente, nem assessores muito próximos de Brizola sabem se o líder “fala sério”, quando sugere a dupla renúncia — a sua e a de Luiz Inácio Lula da Silva, para viabilizar Mário Covas como candidato da unidade do campo progressista.

Três importantes dirigentes que integram a Executiva nacional do PDT são incisivos: não existe, entre o leque de alternativas estudadas pelo partido, qualquer proposta que resulte na retirada de apoio a Lula. Consideraram ainda como improvável que Brizola chegue mesmo a apresentar a proposta de renúncia ao candidato da Frente Brasil Popular, no encontro previsto para amanhã, quando o ex-governador retorna do seu recolhimento na estância da família, no Departamento de Durazno, no Uruguai, onde “amadurece” suas decisões.

De acordo com um assessor do chefe do PDT, as negociações são previsíveis. Se darão em cima de um programa mínimo costurado com outras forças, especialmente o PSDB e o PCB. O PDT tem alguns interesses bem particulares, relacionados com a política para a área de educação, e outros de “caráter ético”, expressão do assessor pedetista, e diz respeito às restrições de Brizola ao candidato a vice de Lula, senador Bisol. Não há divergências de fundo ligadas à reforma agrária, tratamento da dívida externa, papel do Estado, privatização versus estatização. “São pontos fundamentais, onde há divergências

superáveis”, disse o assessor brizolista.

Mas enquanto o líder se mantém indecifrável, as bases do seu partido, particularmente no Estado do Rio, onde obteve mais da metade dos votos, se radicalizam. Ainda no calor do resultado das urnas, curiosamente, imputam a Lula a responsabilidade pelo insucesso de Brizola, agora órfão do sonho antigo de chegar à Presidência da República, que cultivou por 25 anos. Cresce, por exemplo, entre brizolistas mais apaixonados por aqui a idéia de anular o voto, no segundo turno, tese defendida inclusive por integrantes populares do partido, como a vereadora Regina Gordilho, muito querida na Brizolândia, reduto de muitas brizolistas.

Ninguém sabe com precisão a origem da esdrúxula idéia aparentemente acatada por Brizola, propondo a renúncia de Lula. Uma das versões é a de que teria partido do deputado Bocayúva Cunha, um empresário de origem trabalhista e conservador, na tensa e nervosa reunião do comando do PDT na última segunda-feira. A proposta chegou mesmo a provocar perplexidade entre alguns dos 30 participantes da reunião, no segundo andar no edifício onde reside Brizola. Alguns assessores chegaram mesmo a imaginar que se tratava de uma “surpreendente tática de Brizola, com o objetivo de apressar uma posição dos tucanos, que até então caminhavam para uma posição de neutralidade em relação ao apoio ao candidato progressista.

O deputado César Maia, um dos principais dirigentes do PDT, saiu da reunião sem considerar a idéia como séria. Tanto que conversou com brizolistas inconformados postados diante da portaria do Edifício, defendendo o voto em Lula. Outro integrante da Executiva Nacional do PDT, Eduardo Costa, ex-secretário de Saúde, mais tarde, disse que a

idéia de renúncia de Brizola “foi um assunto secundário”, surgiu naturalmente dentro da discussão do comando do partido, sobre suas propostas para o segundo turno.

Em um primeiro momento, Brizola não foi de todo afirmativo na proposta. Jogava força na postura de exigir do TSE a contagem documental dos votos. Mas já na viagem a Porto Alegre, aparentemente não só endossou como buscou, uma das análises que circularam na reunião, argumentos para defender a ~~converteida proposta~~.

Como fato político, a proposta de Brizola compõe o desenho sinuoso de inquietação política, desde quando sentiu a possibilidade real de perder a segunda vaga para Lula. 1 — Nos últimos dias da campanha, atacou duramente o candidato do PT, tentando se credenciar como o voto útil no campo progressista, por se colocar como “o mais credenciado”; 2 — Ainda no curso das apurações, convocou as imprensas brasileira e estrangeira, para colocar sob suspeição o TSE; 3 — Mas nesta mesma reunião com os jornalistas foi enfático: “Temos que fazer um armistício quanto às nossas diferenças. Tudo o que se passou antes do pronunciamento das urnas passa a ser secundário”, disse, em relação aos seus adversários da esquerda.

Ainda na mesma entrevista, Brizola sustentou, como de vezes anteriores, que apoiaria Lula caso ele não fosse o escolhido — àquela altura, embora a disputa com o candidato da Frente se configurasse apertada, as previsões do sistema de apuração paralela do PDT consideravam “impossível” (expressão utilizada por César Maia) Lula passar à frente de Brizola, embora o líder do PT já apresentasse pelos mapas da Globo, uma maior uniformidade de votos em todo o Pa-